

02

**A LOUCURA ENTRE NÓS: A EPIDEMIA EM
O HORLA, DE GUY DE MAUPASSANT, E NA
POLÍTICA ATUAL DO NOVO CORONAVÍRUS**

Fabiane Alves Martins

*Recebido em 25 out 2020.**Aprovado em 25 jan 2021.*

Fabiane Alves Martins, doutoranda pela Universidade Federal Fluminense e pesquisadora do grupo de pesquisa sobre distopia.

<http://lattes.cnpq.br/6371366168097182>

<https://orcid.org/0000-0003-3841-5618>

alvesfabiane777@gmail.com

Resumo: Através do estudo da vertente fantástica no escritor francês Guy de Maupassant, o presente artigo se dispõe a analisar a presença do tema da epidemia em sua novela “O Horla”, produção de grande importância em meio ao seu rico repertório literário. Em um paralelo com a obra, será abordada a atual pandemia de coronavírus, em um estudo de diferentes medidas adotadas por países que se destacaram no combate ao vírus. Em uma abordagem intimista, a obra de Maupassant traz um ser de fora que ameaça a segurança de seu personagem, em um fenômeno que ele identifica como uma epidemia de loucura que, na narrativa, teria origem no Brasil. Na atualidade, essa passagem ganha vida na maneira como certos países lidaram com a crise em suas mãos. Tendo como estratégia presidencial um negacionismo extremo, esse fenômeno se mostrou bastante presente em governos como os do Brasil e

dos EUA, que se apoiaram em um discurso cada vez mais distanciado da perspectiva científica. Em meio ao caos surgido da atual pandemia, “O Horla” mostra seu caráter atemporal.

Palavras-chave: Maupassant. Fantástico. Política. Epidemia. Negacionismo. Ciência.

Abstract: Through the study of the fantastic aspect in the French writer Guy de Maupassant, this article sets out to analyze the presence of the theme of the epidemic in his novel *The Horla*, a production of great importance amid its rich literary repertoire. In parallel with the work, the current coronavirus pandemic will be addressed, in a study of different measures adopted by countries that stood out in the fight against the virus. In an intimate approach, Maupassant’s work brings an outsider who threatens the safety of his character, in a phenomenon that he identifies as an epidemic of madness that, in the narrative, originated in Brazil. Nowadays, this passage comes to life in the way in which certain countries have dealt with the crisis in their hands. With a presidential strategy of extreme negationism, this phenomenon was very present in governments such as those in Brazil and the USA, which supported themselves in a discourse that was increasingly distant from the scientific perspective. In the midst of the chaos that emerged from the current pandemic, *The Horla* shows its timeless character.

Keywords: Maupassant. Fantastic. Policy. Epidemic. Negationism. Science.

Mais de um século se passou desde a publicação de “O Horla”, em 1887, e até hoje ela é, sem dúvida, uma das obras mais conhecidas de Guy de Maupassant. Sua genialidade reside em seu caráter atemporal, pois mesmo um leitor do século XXI é facilmente envolvido pelas detalhadas descrições das paisagens francesas,

assim como dos sintomas vivenciados pelo protagonista da obra, em uma narrativa de mistério e suspense. Maupassant viveu em uma época de grande desenvolvimento científico, o que se mostra presente em diversos aspectos da produção do autor. Esse é um dos motivos de sua veia fantástica receber tamanha atenção em meio ao seu vasto repertório literário, pois não somente inclui uma concepção científica da realidade do texto como questiona sua posição de detentora de uma verdade universal indiscutível.

Na construção do discurso fantástico, “O Horla” joga com a presença de uma doença longínqua, que se mostra a explicação racional para um personagem já perdido em desespero. “O Horla” traz uma abordagem diferenciada sobre a epidemia, com uma doença enquanto possível resposta aos acontecimentos insólitos que ameaçam a vida do narrador. Porém, uma vez que se trata de uma narrativa fantástica, ela traz em sua base a forte dualidade que impossibilita ao leitor encontrar uma verdade absoluta em relação aos eventos descritos. De um lado, temos uma explicação sobrenatural, segundo a qual uma criatura estaria se alimentando da força vital do protagonista, dominando-o aos poucos. Por outro lado, temos uma explicação racional, que vê os acontecimentos descritos como uma construção da mente fragilizada do narrador, que pode estar vivenciando um distúrbio mental. Em meio à falta de certezas, uma crise sanitária ocorrida no Brasil é mencionada como fonte dos problemas descritos.

A singularidade da novela reside na abordagem intimista da vida do protagonista, que insere o leitor em seus questionamentos e temores mais profundos, enquanto uma possível comorbidade, aos poucos, toma conta de seu corpo e de sua mente. Maupassant

desenvolve, assim, uma análise minuciosa da reação do personagem a um problema que desafia os limites da razão. Solitário em sua luta interna, ele deve controlar o próprio medo, não sucumbindo à insanidade, uma vez inserido no que ele mesmo chama de uma “epidemia de loucura” (MAUPASSANT, 2011, p. 48).

Decerto, a obra de Maupassant apresenta características, mas, principalmente, críticas ao século XIX. Mas será possível estabelecer uma relação com o século XXI? A presença do tema da epidemia em “O Horla” nos permite discutir alguns dos aspectos mais marcantes da crise que muitos países vivenciam atualmente. Enquanto aprendemos a lidar com uma doença pouco conhecida, a análise que o escritor faz de seu personagem, assim como a sua reação ao problema, nos permitem refletir as decisões tomadas por diversos líderes mundiais, na corrida contra o coronavírus. O que Maupassant chama de “epidemia de loucura” se torna uma grande metáfora para o momento atual que vivemos, pois, diante de uma crise mundial, testemunhamos, a cada dia, atitudes de governantes e das mídias que desafiam a razão, o que apresenta consequências, muitas vezes, desastrosas para a população em geral. Em meio a um negacionismo extremo de alguns líderes e à desinformação do povo, a visão racional acaba cedendo lugar a mitos e crenças sobre a nova pandemia, em um paralelo com a própria base fantástica de “O Horla”. Se no século de Maupassant, a ciência em ascensão era por ele colocada à prova, hoje nos deparamos com uma situação mais complexa.

Assim, o presente artigo toma como base a hipótese de Bruno Latour, presente em seu livro *Down to Earth*, que consiste no fato de que “não podemos entender nada sobre a política dos últimos 50 anos se não colocarmos a questão das mudanças climáticas

e sua negação à frente e no centro” (2018, p. 2). Em seu livro, o negacionismo é analisado enquanto uma estratégia em torno da questão da mudança climática, tendo o presidente Donald Trump como um de seus maiores representantes. Nesse artigo, o conceito de negacionismo é alargado para abarcar a reação de alguns governantes ao novo coronavírus, o que inclui não somente o discurso do atual presidente norte-americano, mas também do presidente brasileiro Jair Bolsonaro, durante os meses que sucederam o surto da doença nos Estados Unidos e no Brasil.

A AMEAÇA DO OUTRO

A novela de Maupassant nos apresenta um personagem ligado ao seu lar, terra natal de seus antepassados. Porém, uma série de acontecimentos estranhos começam a perturbá-lo. Em sua casa, uma presença inexplicável consome suas noites, enquanto a medicina não se mostra capaz de decifrar o mistério que seu diário apresenta a cada página. No dia 16 de maio, em um simples parágrafo, o personagem chega à conclusão de que está doente, como mostra a passagem seguinte:

Decididamente, estou doente! E estava tão bem no mês passado... Estou com febre, uma febre atroz, ou melhor, uma excitação febril, que indis põe tanto minha alma quanto meu corpo! Tenho sem parar essa assombrosa sensação de um perigo ameaçador, essa apreensão de um infortúnio que está para acontecer ou da morte que se aproxima, [...] que germina no sangue e na carne. (MAUPASSANT, 2011, p. 14)

O mal físico rapidamente dá lugar à descrição de uma sensação mais íntima, como uma apreensão profunda que traz à superfície de

seu ser a presença de algo desconhecido. Conforme a possibilidade de uma explicação se torna cada vez mais distante, suas descrições revelam uma profunda apreensão devido à influência do ser que o ronda. Assim, durante uma viagem feita ao monte Saint-Michel, ele conhece um monge que apresenta as lendas e crenças do povo da região. É nesse ambiente austero que o narrador começa a se perguntar se é possível a existência em nosso mundo de seres diferentes de nós, sem que ninguém os tenha notado, ao que o monge responde:

Será que vemos a centésima milésima parte do que existe? Veja só o vento, que é a maior força da natureza, que derruba os homens, abate as construções, desenraíza as árvores, eleva o mar em montanhas de água, destrói as falésias, arremessa para os recifes os grandes navios, o vento que mata, assobia, geme, muge, você já o viu ou pode vê-lo? E no entanto ele existe. (MAUPASSANT, 2011, p. 21)

Subitamente, o personagem começa a duvidar de suas certezas e valores, pois tudo o que acreditava até aquele momento parecia não responder aos seus questionamentos mais básicos. Porém, em uma viagem a Paris, surge a negação de seu estado, em uma última tentativa de se ater a algo palpável para sua razão, que se apresenta no trecho: “Devo ser o brinquedo da minha excitada imaginação, a menos que não seja verdadeiramente sonâmbulo, ou que tenha sofrido uma dessas influências constatadas, mas inexplicáveis até hoje, chamadas de sugestões” (MAUPASSANT, 2011, p. 26). Depois de seu retorno à casa, ele volta a se sentir mal, sendo que, dessa vez, perdido em dúvidas, o narrador chega à conclusão de que o causador de seus problemas é um ser invisível chamado Horla: “O

que há comigo então? É ele, ele, o Horla, que me assombra, que me faz pensar essas loucuras! Ele está em mim, converte-se em minha alma” (MAUPASSANT, 2011, p. 53). Loucura ou não, o narrador se afunda em divagações sobre seu estado de espírito cada vez mais desestruturado.

Se, por um lado, o protagonista não é nomeado durante a novela, a criatura que reverbera em seu âmago é identificada como o Horla. Na análise de Myriam Roman, a escolha do nome, que não é arbitrária, tem diferentes leituras de seu significado, sendo uma das teorias que o nome tenha relação com o termo russo *oriol*, que significa águia. Outra leitura mostra que pode se tratar de um neologismo inspirado na palavra normanda *horsain*, que significa *estrangeiro* (2001, p. 189). O interesse no nome da criatura reside no fato de que, em seu cerne, ele significaria algo ou alguém de fora, aquele que chega, simbolismo complementado pela outra possibilidade de leitura que residiria em um jogo de palavras com a expressão francesa *hors la loi*, ou seja, *fora da lei*, o que nos leva à base do gênero fantástico, pois, se este reside no equilíbrio entre uma explicação baseada nas leis do mundo natural e outra explicação que transgride essas mesmas leis, a criatura se torna um violador da ordem, anunciando em seu próprio nome o destino ao qual se encaminha.

Já na análise de Michel Serres, o nome pode ainda ser a justaposição das palavras francesas *hors*, que significa *fora*, e *là*, indicando um ponto de referência próximo do local de quem fala (1995, p. 62). A base francesa do nome cria um oxímoro importante para mostrar a situação fragmentária do narrador, que irrompe no texto. A definição do nome da criatura confirma,

assim, sua permanente indefinição. Funcionando como extremos, sempre em tensão, as duas partes do nome do ser que disputa a sanidade do personagem se unem para ilustrar o combate entre seu interior e exterior. O Horla, enquanto este ser que vem em um movimento de fora para dentro, representa uma forte ameaça ao sujeito que, na vã tentativa de obter respostas, vê seu mundo e sua mente totalmente desestruturados. Na obra, o narrador deve enfrentar a figura desconhecida que se manifesta dentro dele. Esse fato pode ser observado na cena em que o personagem se olha no espelho e, ao invés de seu próprio reflexo, percebe a aparição de um Outro:

Via-se como em pleno dia, e não me vi no espelho!... Estava vazio, claro, profundo, repleto de luz! Minha imagem não estava ali... E eu estava em frente a ele! [...] não ousava mais fazer um movimento, sentindo, porém que ele estava ali, mas que me escaparia de novo, ele cujo corpo imperceptível devorara meu reflexo.

Como tive medo! Depois subitamente comecei a notar-me em uma bruma, no fundo do espelho, em uma bruma como através de um lençol de água; e parecia-me que essa água deslizava da esquerda para a direita, lentamente, tornando a cada segundo minha imagem mais precisa. Era como o fim de um eclipse. O que me ocultava não parecia possuir contornos claramente determinados, mas uma espécie de transparência opaca, clareando-se pouco a pouco.

Pude enfim me distinguir completamente, assim como o faço todos os dias ao me olhar.

Eu o vi! O pavor dessa visão permaneceu em mim, e ainda me faz tremer. (MAUPASSANT, 2011, p. 54)

Em seu movimento de fora para dentro, o Horla invade a casa e o corpo do narrador. Nesse trecho crítico da narrativa, no qual o personagem percebe a presença de outro ser que toma seu reflexo, nota-se que o Horla já se estabeleceu em seu íntimo, ao ponto de se tornarem um. Esse Outro, que se coloca face a face com o protagonista, evidencia a relação que o Eu desenvolve com o mundo exterior, visto que o Horla representa o estrangeiro, desestruturando as certezas e valores do narrador. Dessa forma, o Outro representa o que está fora do Eu, mas que acaba sendo incorporado a esse mesmo Eu, levando-nos diretamente ao conceito de alteridade, que é responsável por engendrar as transformações no sujeito. Como mostra Des Aulniers, “o conhecimento de si passa pelo do Outro” (2007, p. 15 apud JIMÉNEZ, 2010, p. 61).

Assim, a alteridade pode ser definida como “a parte da existência que é reconhecível, que muda radicalmente ou modifica o sujeito, além de poder ser concebida como ameaça à identidade, à integridade, à singularidade” (DES AULNIERS, 2007, p. 19 apud JIMÉNEZ, 2010, p. 66). A alteridade é tida como um perigo ao Eu, dada a natureza incerta do contato com o desconhecido. Havendo uma ruptura da relação estável com o seu exterior, o sujeito experimenta um deslocamento do Eu, que permite a aparição de uma vulnerabilidade no cotidiano, como indica Authier:

Em ruptura com o Eu, fundamento da subjetividade clássica, concebida como um interior face a uma exterioridade do mundo, a base do sujeito é aqui transferida em direção a um lugar múltiplo, fundamentalmente heterônimo, no qual a exterioridade está no interior do sujeito. (AUTHIER, 1984, p. 24, apud ORLANDI, 2011, p. 48)

Dentro dessa leitura, “O Horla” representaria o deslocamento interior do sujeito em direção ao conhecimento do mundo, permitindo, consequentemente, o conhecimento de si.

Porém, na novela, esse deslocamento sugere a quebra dos limites de uma relação saudável com o Outro, no momento em que ocorre um desdobramento da personalidade do narrador, que se vê como uma pessoa diferente. Assim, o tema utilizado pelo autor para problematizar a relação entre sujeito e seu íntimo é o duplo. Como observa Michel Serres, “a alma, a identidade e o eu se definem por sua relação com o duplo” (1995, p. 67). Dessa forma, o desdobramento do sujeito, ocorrido em razão da constatação do Horla, ocorre de forma tão drástica que acaba por produzir uma grande tensão na mente do mesmo, destruindo sua psique e o fazendo penetrar na loucura. Michel Demangeat explica a representação literária do duplo enquanto “esse demônio, essa ameaça, essa inquietude” (2004, p. 39). Na análise de Kristeva, ela mostra que “o choque com o Outro, a identificação do ego com esse Outro, bom ou mau, que viola os limites frágeis do ego incerto, estariam, finalmente, na origem do sobrenatural” (1994, p. 44).

Dessa forma, a obra centraliza a interpretação dos sinais de uma presença ameaçadora pelo personagem, que deve se proteger das consequências devastadoras desse contato. Entretanto, mesmo com a percepção de algo estranho que interfere em seu cotidiano, o protagonista não é capaz de interromper a influência do Horla, que o faz adentrar em uma obsessão latente, responsável pela tomada de decisões impensadas e violentas. A insanidade o envolve até o nível da escrita, com o uso de uma linguagem

desconexa e confusa que reflete seus pensamentos conturbados. Assim, no momento em que o Horla se insere em seu íntimo, ele limita sua razão, enquanto se fortalece:

Pobre de nós! Pobre do homem! Ele chegou... o... o... como se chama... o... parece que me grita seu nome e não o escuto... o... sim... ele grita... eu escuto... não posso... repete... o Horla... Escutarei... o Horla... É ele... o Horla... Ele chegou...! [...] O que há de errado comigo? É ele, ele, o Horla, que me assombra, que me faz pensar essas loucuras! Ele está em mim, converte-se em minha alma; eu o matarei! (MAUPASSANT, 2011, p. 50)

Desse modo, o Outro desperta o medo do desconhecido no personagem, que se vê preso em uma situação aparentemente sem solução. O Horla representa aquilo que o narrador não pode controlar, em uma sociedade do final do século XIX habituada ao controle possibilitado pelos ideais da ciência e do progresso em pleno desenvolvimento.

Uma epidemia de loucura?

Na novela de Maupassant, a maneira como o autor descreve os sintomas torna bastante palpável a angústia de seu personagem. Em entrevista ao periódico *Le Figaro* em 1892, o médico Garnier testemunhou a veracidade com que a obra “O Horla” apresenta os sintomas do personagem: “Há, nas cinquenta páginas de O Horla, a descrição de uma intensidade incomparável, de um delírio alucinatório, provocado por uma intoxicação. Um clínico dificilmente poderia falar melhor das angústias, dos terrores, dos pânicos desta variedade de loucura” (THUMEREL, 1990, p. 100). Como aponta Thérèse Thumerel, “O Horla” chegou a

ser utilizado na faculdade de neurocirurgia em Toulouse como suporte didático sobre o medo e a doença mental (1990, p. 101).

A versão da novela de 1887 é a forma definitiva da história e certamente a mais citada entre os estudiosos de Maupassant. Entretanto, o autor já havia publicado no ano anterior uma versão desse mesmo texto que se diferenciava em certos pontos fundamentais, como, por exemplo, na mudança estrutural da terceira pessoa como voz narrante, característica da primeira versão, para o uso da primeira pessoa, na segunda versão. A partir desta transformação de foco narrativo, já é possível perceber uma tendência diferenciada na própria conclusão das obras, pois enquanto na versão de 1886, o leitor é levado a acreditar na existência de uma criatura sobrenatural, na versão de 1887, os eventos levam a crer que o personagem sofre realmente de algum distúrbio psicológico decorrente de uma doença. Isso ocorre porque, enquanto a primeira versão traz um médico como testemunha dos eventos sobrenaturais, na última versão, não há testemunhas, mas somente a palavra de um homem aflito, que se mostra uma fonte pouco confiável ao seu leitor. Tendo lido em um jornal o aparecimento de uma doença no Brasil, ele começa a crer que o Horla pode ter chegado até ele através do mar.

A compreensão do ponto de vista das obras é importante, visto que a presença de uma epidemia se mostra muito mais real na segunda versão. Na novela, Maupassant apresenta ao leitor um homem solitário que começa a sentir em torno de si uma presença ameaçadora, ao mesmo tempo em que ocorre a manifestação física de sintomas que, a cada página, agravam mais o seu estado. Apesar das tentativas em combater o avanço de seu quadro, o

personagem termina por sucumbir ao tormento incessante que se passa em sua casa, ateando-lhe fogo e matando seus empregados, na vã esperança de se libertar do Horla.

Desse modo, se na primeira página, o leitor se depara com um personagem que leva uma vida sem grandes preocupações em Rouen, sua cidade natal, essa calma rapidamente dá lugar a um misto de sensações e diferentes sintomas, como descrito na passagem: “Nenhuma mudança! Meu estado é realmente estranho. À medida que a noite se aproxima, uma inquietude incompreensível me invade, como se a noite escondesse uma ameaça terrível” (MAUPASSANT, 2011, p. 15). Apesar de se sentir perseguido em ambientes exteriores à casa, é durante a noite, em seu quarto, que o personagem se vê à mercê do Horla, que vem sufocá-lo e absorver suas energias. Quando acorda, o narrador não sabe dizer o que ocorreu, mas vê certas provas de uma presença. Porém, entre pesadelos e consultas regulares com seu médico, algo lhe aponta uma condição mental que o aflige:

Esta noite, senti alguém sentado sobre mim, sua boca na minha, bebendo minha vida por entre meus lábios. Sim, ele a sugava por minha garganta, como teria feito um sanguessuga. Depois ele se levantou, satisfeito, e eu acordei tão mortificado, quebrado, aniquilado que não podia mais me mexer. [...] Terei eu perdido a razão? (MAUPASSANT, 2011, p. 22)

Com um quadro já agravado de sintomas, o narrador encontra no jornal a notícia de que, no Brasil, uma epidemia inusitada e perigosa estaria atingindo a população de São Paulo. Rapidamente, é feita a relação com o navio vindo do Brasil que o personagem observa nas primeiras páginas do livro, atracado no porto de Rouen.

A grande nau lhe chama rapidamente a atenção por seu brilho e limpeza, que o fazem ter um rápido contato, acenando ao longe. O narrador cogita a chegada do Horla em sua cidade através dela e, aflito, ele se dá conta: “Ah! ah! Eu me lembro, eu me lembro da bela galera brasileira [...] Achei-a tão linda, tão branca, tão jovial! O Ser estava dentro, vindo de lá, onde sua raça nasceu! E ele me viu! E viu minha casa também branca!” (MAUPASSANT, 2011, p. 49).

Logo, o personagem percebe uma semelhança entre os sintomas que vivencia e o que ocorre no Brasil. No trecho a seguir, o protagonista escreve em seu diário sobre a doença, que teria como características uma verdadeira insanidade mental, junto de uma animalidade feroz há muito tempo não vista na Europa:

Uma loucura, uma epidemia de loucura, comparável às demências contagiosas que atingiram a Europa na Idade Média, castiga neste momento a província de São Paulo. Aflitos, os habitantes deixam suas casas, desertam seus vilarejos, abandonam suas plantações, dizendo-se perseguidos, possuídos, governados como um rebanho humano por seres invisíveis, embora tangíveis, espécies de vampiros que se alimentam de suas vidas, durante seus sonos. (MAUPASSANT, 2011, p. 48)

A epidemia descrita na obra explicaria os eventos insólitos que assolam o personagem, mas também podemos relacionar sua presença a um contexto sanitário possivelmente conhecido de Maupassant. Se recorrermos aos dados históricos, veremos que o Brasil do século XIX estava passando por algumas grandes epidemias, sendo a principal delas a febre amarela, responsável por causar grandes surtos nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro na segunda metade do século. A doença, que atinge

áreas tropicais da África, América Central e América do Sul, gerou epidemias sucessivas no Rio de Janeiro desde 1849, determinando a mais emblemática das ações de controle de endemias na história do país (SILVA, 2003, p. 44).

Outras epidemias atingiram São Paulo e Rio de Janeiro na segunda metade do século, como a varíola e a cólera, mas a febre amarela ainda se destaca como “o flagelo que mais preocupou os médicos voltados para a saúde pública, mostrando-se como a principal moléstia epidêmica que grassava no país” (TEIXEIRA, 2001, p. 218). Além disso, no último quarto de século, houve um grande avanço no conhecimento sobre a doença, a partir dos estudos em microbiologia. Os trabalhos de Pasteur e Koch sobre a atuação de microorganismos na transmissão de doenças influenciou os trabalhos sobre a febre amarela. Já em 1881, o médico cubano Carlos Finlay publicou artigos apontando o mosquito *Aedes Aegypti* como seu transmissor (TEIXEIRA, 2001, p. 219). Dessa forma, uma hipótese é a de que Maupassant teria utilizado as recentes descobertas para mostrar que *seres invisíveis, embora tangíveis*, se alimentam do sangue das pessoas para transmitir a doença.

Porém, é preciso notar que o narrador discorre sobre uma doença com sintomas diferentes dos que são percebidos na febre amarela ou mesmo em outras doenças que assolaram a França e o Brasil neste final de século. A hipótese que alguns críticos da obra de Maupassant apresentam é que o autor teria incluído em “O Horla” elementos que fazem referência à doença que ele mesmo estava vivenciando durante o período de escrita do livro, a sífilis. Contraindo-a provavelmente com a idade de 23 anos, em torno de 1880, a doença começa a atacar os olhos, atrapalhando o exercício

da escrita e a concentração. Como resultado de inflamações no cérebro e atrofia de tecidos cerebrais, outros sintomas característicos da condição de Maupassant incluem delírios, alucinações, fadiga, dores de cabeça, depressão, comportamento anti-social e deficiências motoras (STRAUB, 2015, p. 6). Esses mesmos sintomas são descritos em “O Horla”, evidenciando uma possível relação com a terceira fase da sífilis.

LIDANDO COM A CRISE

Afinal, como podemos interpretar essa epidemia de loucura descrita por Maupassant em nossa própria época? Longe de uma hipótese fantástica, vivemos um período da história mundial que é dominado pela frenesi humana, pela loucura que é ligada à reação ao novo vírus. Durante o ano de 2020, uma grande ameaça pairou sobre as diferentes nações do mundo, que se viram obrigadas a aprender a lidar com um novo ser que, a cada dia, se mostrava mais perigoso e incontrolável. Foi necessário reaprender a trabalhar, estudar e conviver com familiares em completo isolamento, no combate a uma ameaça que tirou muitas vidas, destruiu outras e nos manteve presos. Em uma releitura de “O Horla” para nosso contexto atual, vimos de perto o surgimento de um ser desconhecido em nosso país e nossas casas, como um invasor imprevisível, sem um prognóstico de cura nem retorno à vida como conhecemos. Mas será possível ganhar essa guerra contra o vírus? Nem todos os governos reagiram da mesma forma no seu combate, o que torna necessário o conhecimento do nosso inimigo atual e as armas usadas contra ele, em um primeiro momento de crise. Se em “O Horla”, a grande ameaça atacava por

sintomas físicos, o inimigo de nossa era também, respondendo pelo nome popular de coronavírus.

Para entender melhor o seu funcionamento, é importante saber que os coronavírus são, na verdade, um grupo de vírus conhecidos desde meados dos anos 1960. Segundo os dados da Organização Mundial da Saúde, eles são responsáveis por causarem infecções respiratórias brandas, moderadas e graves, sendo comum que as pessoas se infectem com alguma de suas variantes mais brandas ao longo da vida. O problema reside, porém, no fato de que entre esse grupo também se encontra o vírus causador da SARS-CoV-2, responsável por infecções respiratórias graves e precisamente o vírus gerador da pandemia atual. A SARS-CoV-2, mais conhecida como COVID-19, tem como principais sintomas febre, tosse e dificuldade para respirar. Em junho, o epicentro da pandemia passou a ser nas Américas, com os EUA na liderança dos países com o maior número de infectados, seguido da Índia e do Brasil.

No combate à doença, muitos países tiveram de tomar providências rápidas para conter a entrada e o avanço do vírus em suas fronteiras. Porém, enquanto alguns governos tiveram um grande sucesso, outros enfrentaram um grave problema, principalmente no que se refere à economia e à saúde pública, sendo, em alguns casos, um desafio até a presente data. Quando pensamos na situação atual de cada região do globo, em relação ao controle da doença, há inúmeros fatores em jogo relacionados às políticas públicas empregadas, pois cada país tem características específicas e sofre os impactos da pandemia de uma maneira singular. Para entender quais países responderam melhor à crise em seu início, o grupo Eurásia, responsável por fazer consultorias

de risco político, desenvolveu uma metodologia na qual são avaliadas as principais respostas dos países em torno de três áreas: gestão de saúde, resposta política e resposta da política financeira. Segundo Ian Bremmer, a partir desses critérios, governos como os de Taiwan, Coreia do Sul, Nova Zelândia e Alemanha foram exemplos na rapidez e eficiência empregadas na situação desde o início do surto de coronavírus no mundo (2020). Evidentemente, países que abrangem uma maior área geográfica e/ou com um maior número populacional, tendem a ter um alto índice de casos, mas a partir da análise específica de cada localidade, podemos entender como alguns fatores foram cruciais para a contenção do vírus e das mortes.

Um aspecto que deve ser levado em conta é o fato de que a grande maioria dos países que conseguiram vencer o vírus até o momento são desenvolvidos, dispondo dos recursos certos para controlar e tratar a doença. Se determinado país não dispõe, por exemplo, de um sistema de saúde adequado, provavelmente os impactos da pandemia serão ali mais fortes. Segundo uma pesquisa feita por Sintia Radu, escritora da companhia U. S. News & World Report, países como Canadá, Alemanha e Austrália estão entre os dez melhores sistemas de saúde do mundo, ao mesmo tempo que tiveram uma boa gestão dos casos de coronavírus (2020). A Alemanha é um país que conseguiu se tornar um modelo dentro da Europa, mesmo estando ao lado da Itália e da Espanha, que sofreram bastante com a doença. Com uma rápida contenção, realizou testes generalizados, em uma ampla rede de comunicação pública e transparência. Em relação ao sistema de saúde, disponibilizou uma grande quantidade de

hospitais e leitos de terapia intensiva, assim como diretrizes de distanciamento social (BREMNER, 2020).

Por outro lado, países que sofrem de uma pobreza extrema, com um sistema de saúde precário, apresentam dificuldade até mesmo para fazer a contagem dos doentes. Em diversos países da África, essa é a situação atual e, possivelmente, não haverá uma resposta exata sobre o impacto da doença no continente, uma vez que não há recursos para o diagnóstico. Em algumas regiões, onde há má-nutrição, a população é mais propensa a contrair o vírus, assim como em lugares em que um grande número de pessoas vivem na mesma moradia, pois muitas famílias dividem o mesmo espaço, aumentando as chances de contrair a doença.

Da mesma forma, um país que já investe no uso da tecnologia consegue ter mais recursos à disposição para o controle de populações de risco. No caso de Taiwan, por ser um estado vizinho à China e manter com ela fortes relações, a ilha sofria da proximidade com o epicentro da doença. Porém, conseguiu uma resposta admirável em circunstâncias menos que ideais, utilizando rastreamento de contatos para garantir o cumprimento do isolamento social. Nas palavras de Nick Aspinwall, da revista *The Diplomat*, “Taiwan foi escalada junto com outros estados do Leste Asiático e da Oceania como uma das histórias de sucesso do COVID-19 do mundo” (2020). Já segundo Sang-Hun, do jornal *The New York Times*, a Coreia do Sul teve não somente um grande sucesso dentro do próprio país, no início dos casos, como também sua vigilância contínua permitiu que ajudasse outros países, desenvolvendo testes quando a quantidade de vítimas estava abaixo de cem (2020). A tecnologia também foi

crucial nesse caso, com uma vigilância contínua em programas de rastreamento de pacientes com COVID-19. Já na Nova Zelândia, as redes sociais foram uma ferramenta bastante usada pelo governo no intuito de disseminar conhecimento sobre a doença nos meios de informação mais utilizados. O próprio povo elogiou as medidas organizadas tomadas pelos seus governantes. Diferentemente de países que têm um número diário alto de mortes, no dia 28 de agosto, o país notificou a primeira morte por coronavírus desde 24 de maio, segundo dados apresentados por Sajid, do site *Anadolu Agency* (2020).

Em relação às diretrizes públicas para o combate ao vírus, um país que apresenta um plano de emergência e auxilia a sua população com um suporte financeiro adequado consegue manter mais pessoas reclusas que, sem o auxílio, precisam se expor consideravelmente mais ao vírus. O maior problema dessa situação é que as populações carentes são mais prejudicadas enquanto as classes mais favorecidas conseguem permanecer em reclusão. Ao contrário de muitos países, Taiwan não paralisou a economia no combate ao vírus, mas tomou uma manobra, fechando rapidamente as fronteiras (BREMNER, 2020). A Coreia do Sul também conduziu um combate ao vírus sem paralisar a economia. Com importantes relações exteriores, o governo pode ceder uma ajuda organizada de pagamentos durante o período de crises. Atualmente, a Coreia do Sul passa por problemas políticos que tiveram impacto na resposta ao vírus, mas esse fato deixou como aviso aos demais países que o sucesso de uma batalha não significa ganhar a guerra (SANG-HUN, 2020). Já na Nova Zelândia, segundo a análise de Bremner, pouco tempo depois da chegada do vírus na China, as fronteiras

foram fechadas em um bloqueio de nível 4, o que significava que as pessoas só poderiam interagir umas com as outras dentro da própria casa (2020).

Finalmente, um aspecto fundamental no controle da doença foram as autoridades que valorizavam o conhecimento científico, uma vez que os médicos e virologistas são as autoridades mais competentes para explicar o funcionamento de uma pandemia e seus impactos. Ian Bremmer chama a atenção para os casos de Taiwan e da Austrália, uma vez que o primeiro conta com um vice-presidente epidemiologista, conseguindo manter uma estratégia objetiva e rápida no controle da doença e se mantendo vitorioso na batalha contra o vírus durante todo o período de infestação. Já no caso da Austrália, o país se destacou pela criação de um gabinete nacional de líderes federais e estaduais de todo o espectro político, com o objetivo de coordenar as respostas à doença, sendo liderados por autoridades de ciência e saúde, gerando ótimas respostas ao país (2020).

NEGANDO A CRISE

O novo coronavírus representou um grande problema às nações do planeta, que tomaram diferentes atitudes na tentativa de conter seus impactos econômicos e sociais. Governos em todo o globo tiveram de tomar medidas rápidas para conter o avanço desse novo inimigo, enquanto muitos acabaram se mostrando despreparados para contê-lo. Essa inaptidão acabou se mostrando uma falha que custou incontáveis vidas. Se o coronavírus é o ser imprevisível de nossa era, que como Maupassant descreve ao falar do Horla, “saltou do navio para a margem” (2011, p. 49) em

direção às nossas casas, os grandes vilões da História acabaram se tornando, porém, os governantes que, ao invés de protegerem a população, tomaram atitudes mal calculadas.

Entre os países que sofreram com as consequências de uma má administração, está o caso da Itália, que, por muitas semanas, foi lenta em aplicar diretrizes, saindo com um grande número de mortes na primeira onda da doença. Houve uma verdadeira explosão de casos, sobrecarregando o sistema de saúde, que não estava preparado para a crise que enfrentaria. Em seguida, as rígidas medidas de controle de saúde pública reduziram incrivelmente os números, mas muitas vidas se perderam até o país se estabilizar, visto que, durante o pico da pandemia, o número de casos ativos no país foi um dos mais altos do mundo e, segundo Gary Pisano, do *Harvard Business Review*, essa foi “sem dúvida a maior crise da Itália desde a Segunda Guerra Mundial” (2020). Em março, a médica Francesca Mangiatordi mostra, em entrevista a Rui Polónio, da rádio TSF, a situação drástica do país: “Infelizmente, temos de selecionar os pacientes que devemos entubar e os que não devemos entubar. Esta é uma escolha que, obviamente, nenhum médico quer ter de fazer” (2020). Outro governo que demorou em anunciar a periculosidade da doença foi o chinês, tendo sido criticado, durante a divulgação dos primeiros casos, por sua decisão de conter informações. Zhou Xianwang, o prefeito da cidade de Wuhan, admitiu que a divulgação de dados do governo municipal sobre a doença foi insatisfatória (STEINBUCH, 2020), além de ter se demitido do cargo de prefeito logo após a crise de saúde na cidade de origem do vírus, na China.

É preciso explicar a situação específica de dois dos países que apresentam os maiores números de casos de COVID-19, Brasil e EUA. Afinal, quais políticas públicas foram neles adotadas e quais foram as problemáticas enfrentadas para que chegassem onde estão hoje? Os pontos que podem ser estabelecidos em comum desde o início da crise são a falta de um sistema de saúde de qualidade para toda a população, a falta de diretrizes unificadas dentro dos países e, principalmente, um negacionismo radical diante do problema enfrentado. Latour explica sua teoria no livro *Down to Earth* que, em 2018, época de seu lançamento, concentrava sua questão em torno da mudança climática. Sua teoria mostra que políticos, como Trump, seriam um símbolo maior do fenômeno social que teria começado nos anos 1980, caracterizado por uma transformação no estilo de vida das elites. Por sua vez, essa desregulação na esfera social teria sido responsável por um negacionismo da mudança climática, que teria por consequência uma série de desigualdades observadas desde então (2018, p. 16). A ascensão ao poder de defensores tão assíduos da mesma política negacionista potencializou o problema, fazendo com que durante o ano de 2020 Trump se mantivesse um grande símbolo negacionista em relação ao coronavírus.

Um fator que contribuiu para a propagação da desinformação no mundo foram as redes sociais que, com o grande número de informações infundadas que propagou, foi responsável por promover uma série de soluções sem nenhum ou muito pouco respaldo científico, causando pânico e confusão na luta contra a doença. Segundo Latour, “por causa dessa negação, as pessoas comuns tiveram de lidar com uma névoa de desinformação” (2018, p. 24). O teórico ainda menciona o negacionismo enquanto

um elemento orientador de nossa época atual. No que concerne à mudança climática, ele gera como consequência um ceticismo generalizado, que também pode ser observado no percurso de negação da nova pandemia de coronavírus:

Pela primeira vez, a negação da mudança climática define a orientação da vida pública de uma nação. Daí o papel constitutivo do ceticismo sobre a ciência do clima, que de outra forma, é incompreensível (deixe-nos lembrar que até a presidência de Clinton, os republicanos e os democratas concordavam em questões de ecologia política). (LATOURE, 2018, p. 36)

Na obra de Maupassant, em uma viagem a Paris, o personagem se vê influenciado pelos ideais científicos do moderno centro urbano. Como forma de fugir dos problemas, ele começa um processo de negação de seu estado, imaginando estar curado do que seja que tivesse lhe atingido. Em uma passagem, ele diz: “No contato com a multidão, pensava, não sem ironia, nos meus receios, nas minhas suposições da outra semana [...]. Como nossa cabeça é fraca e atordoa-se, perde-se rapidamente quando um pequeno fato incompreensível nos marca!” (MAUPASSANT, 2011, p. 27). O narrador diminui a importância dos episódios vivenciados em sua casa, como forma de se proteger da verdade. Em “O Horla”, a negação do problema é baseada em um apego ao mundo natural e conhecido, que oferece respostas mais reconfortantes do que o sobrenatural, por manterem a lógica e a razão. Em nossa época, o negacionismo não representa uma tentativa de racionalidade, mas seu oposto, visto que a ciência perdeu sua autoridade para um obscurantismo perigoso, devido ao seu potencial de violência.

Assim, indo de encontro às recomendações médicas e aos dados apresentados, o presidente Donald Trump utilizou nos EUA, desde o aparecimento dos primeiros casos no país, um plano que se baseava na afirmação de que o vírus eventualmente perderia sua força. No mês de setembro, um áudio do presidente evidencia que, em março de 2020, ele já sabia da periculosidade da doença, assim como de sua fácil transmissão pelo ar e a diferença em relação ao vírus da gripe. Um artigo do jornal *The New York Times* mostra que Trump minimizou deliberadamente a gravidade da doença, na tentativa de evitar pânico. Porém, sua conduta foi criticada por bater de frente com as recomendações feitas pelas maiores autoridades na área da saúde (HABERMAN, 2020). Ao minimizar a doença, Trump teria dificultado o preparo da população contra o mal que viria, em uma confusão de informações espalhadas pelas mídias.

Em algumas das principais afirmações de Trump em relação ao coronavírus, percebe-se um negacionismo em seu discurso, mesmo com os números da doença cada vez mais altos. É possível citar sua fala em 29 de abril de 2020, em uma marca histórica de um milhão de casos no país, na qual Trump mantinha o discurso de que a doença estava indo embora e que seria erradicada (CATHEY, 2020). Ainda em 11 de maio, no mesmo dia em que o número de mortos atingiu a marca de oitenta mil, Trump anunciava a vitória contra o coronavírus, dizendo: “conhecemos o momento e vencemos” (SMIALOWSKI, 2020). Finalmente, em 19 de julho, o apresentador da Fox News, Chris Wallace, questionou Trump sobre suas afirmações errôneas no início da pandemia. Em resposta, o presidente afirmou que tudo ficaria bem, acrescentando que o

motivo de não achar que seria desacreditado seria porque ele esteve “mais certo do que qualquer outra pessoa” (POLITI, 2020).

Nos Estados Unidos, um dos maiores problemas enfrentados no combate à doença é a falta de informação sobre a situação atual, que é responsável pelo plano de contingência, uma vez que os dados permitem compreender, por exemplo, em qual localidade a doença se espalhou mais drasticamente, assim como o número de infectados que devem ser tratados antes de virarem casos graves e transmitirem a outras pessoas. Vimos que, em outros países, o uso da tecnologia para a contenção do vírus foi fundamental. Porém, nos EUA, especialistas disseram à revista *Nature* que intromissão política, preocupações com a privacidade e anos de negligência dos sistemas de vigilância de saúde pública estão entre as razões para a escassez de informação nos Estados Unidos (MAXMEN, 2020). Além disso, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças é a instância responsável por monitorar epidemias nos país. Entretanto, os dados sobre a COVID-19 sofreram constantes atrasos e se mostraram insuficientes para o seu gerenciamento, até julho de 2020, quando a administração Trump anunciou que os dados da COVID-19 seriam gerenciados por um novo sistema e reportados diretamente ao presidente. A transparência na análise dos dados da COVID-19 é fundamental não somente para os EUA, mas para o restante do mundo, que passa a entender melhor o funcionamento do vírus, com cada país podendo se adaptar mais facilmente. A esse respeito, a especialista em saúde pública Amy Lockwood diz que “ter um sistema de saúde fragmentado nos impede de entender o que está acontecendo com a COVID” (MAXMEN, 2020).

No Brasil, a situação é parecida no que concerne à falta de dados e de testes suficientes para toda a população. Com diretrizes que entram em conflito constantemente, há uma grande dificuldade em avaliar a melhor estratégia para o país, pois os governadores e prefeitos tomam medidas que, em diversos casos, diferem da estratégia presidencial. Um exemplo de medida adotada como carro-chefe no combate à doença pelo governo presidencial foi o uso da hidroxicloroquina, o que gerou um gasto considerável na compra do medicamento, que passou a ser administrado sem o respaldo médico suficiente no combate ao vírus. Pelo contrário, um estudo publicado por Elis Rosenberg, no *Journal of the American Medical Association*, mostra que a hidroxicloroquina, além de não ser eficaz no controle das mortes pela COVID-19, pode ainda causar problemas no coração (2020), o que foi confirmado pelo estudo de Joshua Geleris, publicado pelo site *New England Journal of Medicine* (2020). O site *Repórter Brasil* publicou que o gasto com o ingrediente aumentou seis vezes em um ano no Brasil, com mais de 1,5 milhão de reais investidos na ampliação da produção do medicamento (JUNQUEIRA, 2020), o que se mostrou uma má aplicação de recursos públicos que poderiam ter sido empregados em outras áreas mais necessitadas.

Assim, um fraco plano de contenção, em conjunto com a falta de comunicação entre os poderes municipais, estaduais e federal, adicionado a más decisões do governo, colocam o Brasil em uma zona muito perigosa. Em meio a discursos controversos proferidos pelo presidente, são ignoradas as medidas médicas recomendadas pela OMS. O negacionismo do presidente Bolsonaro é evidenciado principalmente nos momentos em que sai do isolamento para

continuar as atividades nas ruas, onde fala diretamente com apoiadores, sem máscara e com contatos físicos. Em um de seus discursos, Bolsonaro pediu aos governadores e prefeitos a diminuição das medidas de restrição em relação ao vírus, para que a economia pudesse voltar ao normal (KADANUS, 2020). Já em artigo do site *Business Insider*, outro discurso do governante é apontado, no qual ele sugere uma imunidade natural dos brasileiros ao coronavírus. Isso ocorreria porque, segundo o presidente, os brasileiros descem aos esgotos e nada acontece (COLLMAN, 2020). Davi Alcolumbre, atual presidente do senado, afirmou que o Brasil precisava de líderes sérios e responsáveis, criticando a posição do presidente contra as medidas aconselhadas pela Organização Mundial da Saúde (CARVALHO, 2020). Bolsonaro é ainda chamado por Ishaan Tharoor, jornalista do *The Washington Post*, de “líder mundial negacionista do coronavírus” (2020). Nas suas palavras:

Mesmo quando o presidente Trump, seu homólogo ideológico no norte, acomodou relutantemente as advertências de seus principais funcionários de saúde, Bolsonaro zombou das orientações médicas e saiu às ruas para apertar a mão de uma multidão de apoiadores. Ele se voltou furioso contra aqueles em seu governo que mantinham um isolamento prolongado para evitar a pandemia, envolvendo-se em rixas com governadores estaduais, incluindo alguns políticos que o presidente já considerou aliados. (THAROOR, 2020)

Mas, afinal, qual é o papel de um governante? Em uma eleição democrática, o povo elege pessoas que se tornam responsáveis pela busca de seu bem-estar. Diante da atual pandemia, diferentes

países conseguiram colocar a vida acima de tudo e impedir a entrada massiva do vírus em suas fronteiras. Porém, esse é o perigo do negacionismo, uma vez que ele não permite que se trabalhe com transparência e, conseqüentemente, que haja preparação, o que gera uma onda de desinformação que se espalha pelo país. Discutindo a posição desses governantes sobre a mudança climática, Latour chama a atenção para o compromisso com a verdade, que é deixado de lado pelos mesmos, igualmente à desilusão coletiva, decorrente deste processo, o que pode ser relacionada à resposta dos líderes à atual pandemia:

O público não percebe totalmente que a questão da negação da mudança climática organiza todas as políticas no tempo presente. Quando os jornalistas falam sobre «pós-verdade» política, eles o fazem muito levemente. Eles não enfatizam a razão pela qual alguns decidiram continuar a se envolver em política, abandonando voluntariamente a ligação com a verdade que (com razão!) aterrorizava a todos. Nem eles enfatizam a razão pela qual as pessoas comuns decidiram - e com razão, no caso delas também - não acreditar em nada mais. (LATOUR, 2018, p. 24)

O PAPEL DA CIÊNCIA

Se voltarmos à segunda metade do século XIX, veremos que as grandes conquistas do progresso trouxeram um sentimento de esperança no futuro, uma vez que cada descoberta era concebida como um passo da humanidade em direção ao conhecimento. Nas palavras de Maria de Fátima Mattos, o capitalismo estimulava “o sonho e o desejo por um mundo melhor seduzido por novas possibilidades tecnológicas. Eram tempos de celebração” (2009,

p. 99). É possível perceber, em meio a um ambiente político e social instável da França da segunda metade do século XIX, a emergência de um grande florescimento de ideias, lideradas pelo princípio do progresso.

Com o advento de novas ciências, no final do século XIX, como a psicologia, além do grande avanço em outros ramos, tais como a medicina e a biologia, diversos autores incluem em seus textos tais áreas, atestando um forte apelo ao racionalismo. O escritor da segunda metade do século XIX inclui em suas obras as causas dos problemas sociais, sendo a aplicação dos métodos científicos na literatura uma maneira de compreender os problemas através de um pensamento racional. É preciso descrever os fenômenos observados através de uma ficção calcada na realidade. Assim, o escritor se torna um experimentador, como aquele que descreve a sociedade com um olhar clínico.

É importante ressaltar que a relação de Maupassant com o tema da doença não se resume a essa novela. Em outras obras, ele aborda diferentes sintomas e tratamentos, em uma ambientação científica que faz eco à revolução ocorrida no século XIX. Inegavelmente, o conhecimento de distúrbios neurológicos e psicológicos lhe possibilitaram um olhar singular sobre as abordagens médicas do século XIX. Com um grande interesse pelos avanços da medicina de sua época, Maupassant inclui em “O Horla” uma série de sintomas que mostram que “o sobrenatural é internalizado: ele se torna o mistério da mente humana” (STRAUB, 2015, p. 5).

Um exemplo da presença de elementos ligados ao pensamento científico é a figura do médico, que aparece em diversos dos textos

de Maupassant. Em “O Horla”, o narrador indica que procurou ajuda para curá-lo de seu mal-estar físico e mental na passagem: “Acabo de consultar um médico, pois não podia mais dormir” (MAUPASSANT, 2011, p. 14). Juntamente com a profissão, são encontradas nomenclaturas técnicas, assim como diagnósticos e prescrições de tratamentos, como por exemplo, na passagem: “Ele me achou com a pulsação acelerada, a pupila dilatada, os nervos em frangalhos, mas sem nenhum sintoma alarmante. Devo me submeter a duchas e beber brometo de potássio” (MAUPASSANT, 2011, p. 14). Porém, a busca de uma perspectiva científica se encontra, principalmente, na tentativa do personagem em esclarecer os episódios que se sucederam recentemente em sua vida, relacionando os sintomas que apresenta a uma doença desconhecida.

Na obra de Maupassant, há uma discussão constante da eficácia das ciências em responder certas questões, com um questionamento que permite ao leitor, através da própria narrativa fantástica, refletir sobre o papel da visão científica e do progresso no final do século XIX. Segundo Andreas Gipper, o fantástico “nasce no momento histórico no qual o projeto filosófico de uma reorganização racional de todos os domínios do saber se impõe e no qual os modelos religiosos de interpretação do mundo são substituídos na Europa por paradigmas científicos” (2014, p. 84). Entretanto, o embate de forças entre crenças e uma visão científica ganhou um novo espectro na atualidade, em um momento histórico que vê surgir o forte movimento negacionista identificado nos discursos proferidos por líderes como Bolsonaro e Trump, que se coloca contra a visão científica. O que se observa atualmente não é uma discussão sobre os limites da ciência, como observado em

autores como Maupassant, mas discursos contraditórios que se mostram perigosos, principalmente para a população.

Bruno Latour discute a importância de se colocar as ciências em um lugar central no que se refere à mudança climática. Segundo ele, “sem as ciências, o que saberíamos do Novo Regime Climático? E como poderíamos esquecer que as ciências se tornaram o alvo privilegiado dos negacionistas das mudanças climáticas?” (2018, p. 65). Da mesma forma, as ciências são fundamentais para a compreensão do desenvolvimento da COVID-19, se quisermos vencer a guerra ao final. Apesar de sua importância, líderes negacionistas atacam diretamente os cientistas, na tentativa de manter um discurso baseado em suposições e apostas, sendo ele motivado por preocupações econômicas.

Durante o período relativo ao surto de coronavírus nos EUA, uma das ações que mais se destacaram foi o afastamento do Centro de Controle e Prevenção de Doenças na análise do vírus em diversas instâncias. Como citado anteriormente, em julho de 2020, a coleta de dados referentes à doença passou a ser feita pela administração pessoal do presidente. O site *The conversation* mostra que, além desse fato, a organização governamental também foi afastada das coletivas de imprensa entre 9 de março e 12 de junho, o que ocorreu após entrevista em 25 de fevereiro, com a diretora de imunização e doenças respiratórias Nancy Messonnier. Em sua entrevista, ela explica que o vírus não seria contido e que se tornaria uma pandemia. Logo em seguida, o mercado de ações despencou e Messonnier foi removida das discussões. Além desse fato, Trump afirmou que o diretor da organização, Robert Redfield, teria sido mal citado em relação à sua advertência sobre as dificuldades em torno

do vírus, que se tornaria mais forte durante a temporada de gripe. Redfield se manifestou em seguida, dizendo que a citação havia sido feita da maneira correta, pois viriam tempos complicados à frente (SMITH, 2020). Com todos os embates entre a presidência e o CDC, este último perdeu seu lugar na luta contra a doença, enquanto a presidência mostrava soluções que, em muitos casos, não tinham respaldo científico. Segundo Howard Koh, ex-secretário assistente de saúde dos EUA, “eles foram postos de lado [...] precisamos da liderança científica agora” (SMITH, 2020).

O Brasil, por outro lado, já viu a troca do ministro da saúde duas vezes no ano de 2020, passando por Luiz Henrique Mandetta, Nelson Teich e o atual Eduardo Pazuello. A troca consecutiva de ministros serviu para desestruturar ainda mais os planos de contenção da doença, em um momento tão crucial para o país, que tem como atual responsável um militar sem experiência prévia na área da saúde, segundo Renata Mariz (2020). Os dois primeiros ministros, Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, tinham formação médica, porém não conseguiram entrar em acordo com Bolsonaro em relação ao uso da cloroquina em pacientes de COVID-19. Já o ministro Pazuello conseguiu se manter no posto até a presente data, sendo que, no mês de maio, nomeou mais nove militares para atuar no ministério. No dia 28 de agosto, o ministro nomeou ainda o veterinário Laurício Monteiro Cruz para coordenar o programa nacional de imunização, mesmo este não tendo formação na respectiva área. O que gera preocupação em meio a todas as recentes nomeações é a mudança de cargos que geram cada vez menos conflito com o discurso presidencial, afastando a ciência de um lugar antes reservado a ela. A composição de um grupo que

não apresenta nenhuma experiência prévia com as áreas da saúde, principalmente no que concerne ao SUS, é problemático, em um país que apresenta um alto número de casos da doença.

CONCLUSÃO

Maupassant marcou a cena literária francesa em um momento histórico que tivera um simples vislumbre das possibilidades científicas desenvolvidas nos séculos seguintes. Sua concepção de literatura, influenciada pelo grande desenvolvimento do pensamento científico, no final do século XIX, aborda temas que se mantêm atuais, mesmo décadas após sua escrita. A atualidade do relato de Maupassant se dá justamente na maneira como lidamos com o insólito da nossa realidade, com o que assombra nossas possibilidades diárias, afinal, o estranho não é aquilo que salta aos olhos completamente, mas o que surge aos poucos, de forma gradual. Vivenciamos uma mudança que passou a fazer parte de nossa rotina diária, mas por mais que o vírus seja o grande causador de tamanha mudança em nossas vidas, precisamos nos proteger ainda mais do insólito que ronda o meio político em nosso país. O sentimento geral em relação a determinados líderes é de insanidade. Desse modo, a troca de informações perde seu lugar para os extremismos que, por sua vez, são um terreno fértil onde proliferam o racismo, a incultura e a violência gratuita. Na era da informação, as pessoas parecem estar mais desinformadas do que nunca.

Diante de todas essas medidas e mudanças, o medo, porém, acabou se tornando uma constante em nosso próprio contato com o mundo exterior. O que ocorreu frente ao desafio que as nações

do mundo tiveram de enfrentar foi um sentimento generalizado de fragilidade e insegurança diante da presença perturbadora de um perseguidor anônimo que se esquia e se disfarça, assim como se observa na escrita de Maupassant. Porém, maior que o medo da doença, foi o medo de ser refém da mesma, o que se tornou uma desculpa para atitudes impensadas. Em meio a informações conturbadas, falta de dados e líderes que questionam a todo o momento os conselhos médicos, a população se viu desorientada e desinformada, o que não permite uma gestão correta do problema enfrentado.

Em seu acervo de obras fantásticas, Maupassant apresenta temas ligados a medos íntimos e primitivos, nos quais o leitor se vê rapidamente inserido no decorrer da leitura. Porém, esses medos não aparecem somente nas descrições de situações e seres misteriosos e sobrenaturais, mas, pelo contrário, suas obras caminham para uma centralização da perspectiva humana, em que o homem é o pior dos monstros, aquele que deve ser temido, evidenciando uma crítica social intrínseca que remete a uma leitura reflexiva no quadro final desenhado. Sutilmente, a explicação racional se torna ainda mais assustadora que a possibilidade do sobrenatural, nas suas obras.

Com a maior ocorrência de pandemias desde 2018, a OMS reconheceu a necessidade de se preparar antecipadamente às incidências de novos patógenos, com potencial de emergência internacional, o que se tornou uma prioridade para a pesquisa e o desenvolvimento. A aparente paranoia que surge do contato com o Outro sintetiza o mundo contemporâneo e principalmente o ano de 2020. Por esse motivo, através do olhar do personagem de

Maupassant, o presente artigo tentou dar um sentido à insanidade com a qual nos deparamos cada vez mais atualmente e que se mostra um sintoma não do coronavírus, mas da ignorância e ganância humanas. Quando conseguimos vencer esses problemas, se torna possível vencer o inimigo que nos domina e enfraquece, como Maupassant afirma a respeito do Horla: “o animal, algumas vezes, revolta-se e mata aquele que o domou...” (2011, p. 50). A pergunta que resta é se vamos conseguir aprender com os erros cometidos ou se vamos sucumbir à insanidade, como em “O Horla”.

REFERÊNCIAS

ASPINWALL, Nick. Taiwan's COVID-19 Success Story Continues as Neighbors Fend Off New Outbreaks. *The Diplomat*, 11 set. 2020. Disponível em: <https://thediplomat.com/2020/09/taiwans-covid-19-success-story-continues-as-neighbors-fend-off-new-outbreaks/>. Acesso em 4 out. 2020.

BREMMER, Ian. The Best Global Responses to COVID-19 Pandemic. *Time*. 12 jun. 2020. Disponível em: <https://time.com/5851633/best-global-responses-covid-19/>. Acesso em 11 out. 2020.

CARVALHO, Daniel. Alcolumbre reage a pronunciamento de Bolsonaro e diz que país precisa de um líder sério. *Folha de S. Paulo*, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/alcolumbre-reage-a-pronunciamento-de-bolsonaro-e-diz-que-pais-precisa-de-um-lider-serio.shtml>. Acesso em 11 out. 2020.

COLLMAN, Ashley. Brazilian President Bolsonaro suggested his people are naturally immune to the coronavirus, claiming they can swim in sewage and “nothing happens”. *Business Insider*, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/coronavirus-jair-bolsonaro-suggests-brazilians-immune-to-disease-baseless-2020-3>. Acesso em 11 out. 2020.

DEMANGEAT, Michel. Rituel et liturgie du double dans la création littéraire. *Imaginaire & Inconscient*, v. 14, n. 2, p. 35-48, 2004. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-imaginaire-et-inconscient-2004-2-page-35.htm>. Acesso em 26 ago. 2020.

GELERIS, Joshua. Observational Study of Hydroxychloroquine in Hospitalized Patients with Covid-19. *The New England Journal of Medicine*, 7 maio 2020. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMoa2012410>. Acesso em 11 out. 2020.

GIPPER, Andreas. Le conte de fées aux temps de l'incroyance. Conflits épistémologiques dans les contes fantastiques de Charles Nodier. *Romantisme*, n. 123, p. 83-94, 2004. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-romantisme-2004-1-page-83.htm>. Acesso em 19 jun. 2020.

HABERMAN, Maggie; COOPER, Michael. Trump Called the Coronavirus "Deadly" in Private While Minimizing Its Risks in Public, Book Reveals. *The New York Times*, 11 set. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/live/2020/09/09/us/trump-vs-biden>. Acesso em 11 out. 2020.

JIMÉNEZ, Tania Selena. *La rencontre de l'autre en voyage: Mémoire de maîtrise en communication*. Montréal: Université du Québec à Montréal, 2010. Disponível em: <https://archipel.uqam.ca/3037/1/M11420.pdf>. Acesso em 24 jan. 2021.

JUNQUEIRA, Diego. Laboratório do Exército já gastou mais de R\$ 1,5 milhão para produção de cloroquina, alvo de investigação do TCU. *Repórter Brasil*, 20 jun. 2020. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2020/06/laboratorio-do-exercito-ja-gastou-mais-de-r-15-milhao-para-fabricacao-de-cloroquina-alvo-de-investigacao-do-tcu/#:~:text=O%20laborat%C3%B3rio%20do%20Ex%C3%A9rcito%20firmou,de%20compras%20do%20governo%20federal>. Acesso em 11 out. 2020.

KADANUS, Kelli; ABRÃO, Camila. Governadores e prefeitos isolam Bolsonaro após pronunciamento sobre coronavírus. *Gazeta do Povo*, 25 mar. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/bolsonaro-isolado-governadores-coronavirus/>. Acesso em 11 out. 2020.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LATOUR, Bruno. *Down to Earth*. Cambridge: Polity Press, 2018.

MARIZ, Renata. Troca de ministros na saúde atrasou operação de novas UTI's pelo Brasil. *Época*, 22 maio 2020. Disponível em: <https://epoca.globo.com/brasil/troca-de-ministros-na-saude-atrasou-operacao-de-novas-utis-pelo-brasil-24440313>. Acesso em 11 out. 2020.

MATTOS, Maria de Fátima da Silva Costa Garcia. O sentido da Modernidade no imaginário do século XIX. *Dobras*, São Paulo, v. 3, n. 6, 2009. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/291>. Acesso em 4 nov. 2019.

MAUPASSANT, Guy de. O Horla. In: MAUPASSANT, Guy de. *O Horla, A cabeleira, A mão e O colar*. Porto Alegre: Artes e Ofícios Editora, p. 11-59, 2011.

MAXMEN, Amy. Why the United States is having a coronavirus data crisis. *Nature*, 25 ago. 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-020-02478-z>. Acesso em 4 out. 2020.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

PILKINGTON, Ed. Six months of Trump's Covid denials: "It'll go away... It's fading". *The Guardian*, 29 jul. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/jul/29/trump-coronavirus-science-denial-timeline-what-has-he-said>. Acesso em 11 out. 2020.

PISANO, Gary P.; SADUN, Raffaella; ZANINI, Michele. Lessons from Italy's response to coronavirus. *Harvard Business Review*, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://hbr.org/2020/03/lessons-from-italys-response-to-coronavirus>. Acesso em 11 out. 2020.

POLÓNIO, Rui. Temos de escolher os pacientes que salvamos. É algo que nos revira as entranhas. *TSF*, 26 mar. 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/temos-de-escolher-os-pacientes-que-salvamos-e-algo-que-nos-revira-as-entranhas-11981844.html>. Acesso em 11 out. 2020.

RADU, Sintia. Countries With the Most Well-Developed Public Health Care Systems. *U.S. News & World Report*, 21 jan. 2020. Disponível em: <https://www.usnews.com/news/best-countries/slideshows/countries-with-the-most-well-developed-public-health-care-system> Acesso em 4 out. 2020.

ROMAN, Myriam; TOMICHE, Anne. *Figures du parasite*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal: 2001.

ROSEMBERG, Elis S. Association of Treatment With Hydroxychloroquine or Azithromycin With In-Hospital Mortality in Patients With COVID-19 in New York State. *Journal of the American Medical Association*, 11 maio 2020. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jama/fullarticle/2766117#nav>. Acesso em 11 out. 2020.

SAJID, Islamuddin. New Zealand reports first COVID-19 death since May. *AA*, 4 set. 2020. Disponível em: <https://www.aa.com.tr/en/asia-pacific/new-zealand-reports-first-covid-19-death-since-may/1962870>. Acesso em 4 out. 2020.

SANG-HUN, Choe. New Covid-19 Outbreaks Test South Korea's Strategy. *The New York Times*, 2 out. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/09/02/world/asia/south-korea-covid-19.html>. Acesso em 4 out. 2020.

SERRES, Michel. *Atlas*. Madrid: Ediciones Cátedra, S. A, 1995.

SILVA, Luiz Jacintho da. O controle das endemias no Brasil e sua história. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 44-47, jan. 2003. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252003000100026&lng=en&nrm=iso. Acesso em 19 jan. 2021.

SMITH, Erin. US coronavirus data will now go straight to the White House. Here's what this means for the world. *The conversation*, 17 jul. 2020. Disponível em: <https://theconversation.com/amp/us-coronavirus-data-will-now-go-straight-to-the-white-house-heres-what-this-means-for-the-world-142814>. Acesso em 11 out. 2020.

STEINBUCH, Yaron. Mayor of Wuhan, epicenter city of coronavirus, offers to resign over outbreak. *New York Post*, 27 jan. 2020. Disponível em: <https://nypost.com/2020/01/27/mayor-of-wuhan-epicenter-city-of-coronavirus-offers-to-resign-over-outbreak/>. Acesso em 4 out. 2020.

STRAUB, Elizabeth. *Maupassant and Medicine: The intersection between the works of Guy de Maupassant and the development of psychiatry and neurology in fin-de-siècle France*. Carolina do Norte: Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/210594956.pdf>. Acesso em 24 jan. 2021.

TEIXEIRA, Luiz Antônio. Da transmissão hídrica à culicidiana: a febre amarela na sociedade de medicina e cirurgia de São Paulo. *Revista brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 217-242, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em 20 jan. 2021.

THAROOR, Ishaan. Bolsonaro may be the world's coronavirus skeptic in chief. *The Washington Post*, 7 abr. 2020. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2020/04/07/bolsonaro-may-be-worlds-coronavirus-skeptic-in-chief/>. Acesso em 11 out. 2020.

THUMEREL, Thérèse. Folie (autour) d'une vie et d'une œuvre: "Le Horla" de Guy de Maupassant. *Études Normandes*, ano 39, n. 2, p. 98-111, 1990. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/etnor_0014-2158_1990_num_39_2_1931. Acesso em 15 jan. 2020.

WORLD HEALTH ORGANISATION. *WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard*, 11 out. 2020. Disponível em: <https://covid19.who.int/table>. Acesso em 11 out. 2020.